

EM BUSCA DE UMA CERTA TEMPORALIDADE

Lea Lubianca Thormann
CEPdePA. Psicanalista,
membro pleno do CEPdePA

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Thormann L. (2019) EM BUSCA DE UMA CERTA TEMPORALIDADE
Intercambio Psicoanalítico 8 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2.1/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

EM BUSCA DE UMA CERTA TEMPORALIDADE:

O artesanal da vida como antídoto da violência

Lea Lubianca
Thormann ¹

¹ CEPdePA. Psicanalista, membro
pleno do CEPdePA

RESUMO

O artigo aborda o tema da violência na comunicação desde o ângulo da temporalidade violada, tendo como desenlace a falha na constituição de uma ecologia afetiva, necessária para a construção de experiências e de uma singularidade/subjetividade que caracterizam o humano e simbólico. Traz três vinhetas no sentido de ilustrar esta articulação.

Palavras chave: Temporalidade violada, ecologia afetiva, subjetividade

A minha fala de hoje está relacionada a uma reunião de experiências: da clínica psicanalítica, do meu trabalho com a observação da relação mãe-bebê e sua aplicação na intervenção precoce, de vivências na transmissão da psicanálise e na vida.

Algo que venho observando e experienciando aqui e ali e me faz pensar numa in-certa direção.

Do tema proposto - violência na comunicação- vou fazer um recorte para me debruçar no ângulo da temporalidade e do que penso estar havendo a partir da revolução tecnológica e cultural: uma aceleração nas experiências da vida, tendo como consequência a automatização das experiências, um tempo líquido, do instantâneo e da fugacidade que impedem a transformação das experiências emocionais em um espaço-tempo com contornos definidos. Desde este vértice, a violência na comunicação se configura pelo tempo líquido e por um ódio gasoso.

O pacote da modernidade líquida com todos os seus aparatos tecnológicos e tempo fluido, impõe ao ser humano um tempo externo à ele, afetando o seu tempo interno e subjetivo e consequentemente o seu equilíbrio narcísico. Isto significa que a experiência da ilusão - matéria prima da subjetividade e dos ritmos que singularizam o humano, oferecendo a base para todas as experiências posteriores é violada, afetando em especial, o criar, o acreditar e o esperar.

A globalização e instantaneidade da informação mudam a nossa vida cotidiana e os ritmos de nosso tempo existencial. Ficamos expostos à uma série de demandas e exigências onde o ser não só é atropelado pelo fazer, mas por um fazer rápido, por uma aceleração da experiência. Algumas consequências:

Uma identificação mimética com a máquina, que pela possibilidade da comunicação instantânea e permanente, parece tentar abolir as distâncias de tempo e espaço ou acabar com as alternâncias nos ritmos presença/ausência fundamentais para a saúde emocional e estruturação psíquica, assim como para a produção intelectual e erótica do ser humano.

Aqui vale lembrar Freud da economia psíquica – tudo que ultrapassa certa intensidade perde a qualidade de bom ou ruim e passa a ser traumático, já que supera a nossa possibilidade de processamento interno. E também Freud no ensaio sobre a Transitoriedade (1916) que nos diz “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo”

Na clínica encontramos um incremento significativo do que eu chamo das patologias da intrusividade – tipos de sofrimento relacionados a traumas não processados e não transformados na experiência emocional, ou seja, na escassez ou impossibilidade de encontros que contêm e transformem na experiência as constantes invasões e intrusões impostas por uma vida que atropela tempo e espaço singulares.

Uma espécie de náusea existencial pela falta de significado e simbolização das experiências tem como consequência a dramática manipulação defensiva do tempo e do espaço: viver enfiado ou alienado em algo ou alguém, colado e mimetizado com máquinas, jogos e séries, além da automatização na vida cotidiana e da banalização da violência. Neste contexto, evoco da minha experiência, três cenas:

- Pedro, é um bebê observado por uma colega na ormb. Desde a primeira observação segue um padrão na amamentação onde a mãe segura Pedro com uma mão e na outra o celular, parecendo capturada pelo mesmo – digitando ou falando com naturalidade numa ligação. Após um mês a observadora nota, que Pedro começa a chutar com uma das perninhas a mão da mãe que segura o celular.

- Frederico é um bebê de 1a9m que atendi em intervenção precoce e que tinha por hábito jogar longe o celular de sua mãe sempre que estivesse ao seu alcance. Uma das queixas da mãe era a de que Frederico não desgrudava dela, mostrando-se sempre muito necessitado, trazendo como exemplo que quando davam as mãos para caminhar ele a acariciava, o que a deixava irritada. Ela insistia na angústia de separação de Frederico. De minha parte trabalhava com ela que a gente só separa o que juntou e que ela e o Frederico ainda não haviam se juntado, experiência que necessita de um olhar num espaço- tempo para acontecer.

-Gustavo é um homem de 38 anos que chega à sua primeira sessão com o celular na mão, cabeça baixa, digitando algo enquanto me diz que jurou para si mesmo que jamais pisaria no consultório de uma psicanalista. Desde então, cerca de quatro anos, segue entrando na sessão desta forma – celular na mão, olhar na tela.

O que estas três experiências tem em comum?

Poderíamos pensar em novas sensibilidades?

Algo da ecologia afetiva /vivência estética que inclui a transformação da experiência num tempo/espaço fica falho, ameaçado e não se constitui, afetando tanto a construção de experiências, quanto a intimidade.

De outro ângulo, da constituição de uma ecologia afetiva e construção da experiência emocional, convido vocês para assistirmos o vídeo Caminhando com Timtim.

O trajeto de Timtim expressa com força estética que nós precisamos de tempo e espaço para acontecer, para ser. Em especial, para podermos transformar as nossas experiências em formas de existir, de ser no mundo e que elas sejam recheadas de um significado pessoal, de um sentido próprio (Winnicott – trabalho de recriar o mundo – experiência da ilusão, onde acreditar e criar estão entrelaçados, como base das demais experiências na vida)

A repetição, a continuidade, o ritmo. A narrativa da mãe que tem a função de ir juntando o filho no caminho, integrando as experiências. O ser humano depende de alguém que o acompanhe no seu trajeto inicial para vir a ser alguém com um eu integrado. Precisa ser temporalizado e espacializado para ir construindo contornos próprios.

Embora de forma diferente da inicial, tempo e espaço seguem sendo fundamentais ao longo da vida para construirmos experiências.

O tempo é senhor das delicadezas. É na possibilidade de esperar que construímos a esperança. Antídoto da violência.

Penso que a psicanálise precisa caminhar em defesa do que é humano, talvez a consigna atual seja o sair do automático. Da recuperação de um tempo singular que sustenta e alberga diferenças. Do artesanal e íntimo relacionado ao tempo subjetivo a às nossas origens.

Precisamos construir o nosso inventário de delicadezas!